

# Recessão é pior legado para Itamar

TATIANA PETIT

**SÃO PAULO** — Quando assumiu a Vice-Presidência da República, há dois anos e meio, Itamar Franco dificilmente poderia supor que ocuparia o gabinete instalado no terceiro andar do Palácio do Planalto. Menos ainda poderia imaginar a herança econômica que o titular Fernando Collor lhe deixaria: a maior e mais prolongada recessão da história do país, coroada por uma inflação de 1.221% ao ano. Os estragos feitos pela política recessiva patrocinada pelo governo Collor não têm precedentes.

O Ipea, vinculado à Secretaria de Política Econômica, sintetiza a pobreza da economia nacional. Estima-se que o PIB deste ano só crescerá 0,3%. Até recentemente, a perspectiva era de que seu crescimento seria de 2,7%. Caso essa previsão se confirme, o PIB terá encolhido 3,2% nos últimos três anos. "Isto significa que a quantidade de bens e serviços à disposição dos consumidores ficou 8,5% menor", diz Cláudio Considera, técnico do Ipea.

**Anos perdidos** — Entre as indústrias, as montadoras foram uma exceção. A produção manteve-se praticamente estável de março de 1990 até agora. E as estimativas feitas pela Anfavea apontam para uma produção anual superior a 1 milhão de unidades até dezembro. Isso não impediu que os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema perdessem

27.839 empregos. "A produção de caminhões retrocedeu aos níveis de 1967 e a de tratores e máquinas agrícolas compara-se àquela de 1964", diz Luiz Adelar Scheur, presidente da entidade.

A queda na produção desses bens de investimento está relacionada ao desestímulo que pesou sobre o setor produtivo, que teve na falta de crédito oficial e no alto custo do dinheiro nos bancos privados um de seus principais fatores. Esses dados também mostram que não se pode mais falar apenas em década perdida. Aos anos 80 já se somam outros três em que a atividade da indústria, principalmente a de transformação, deu marcha a ré equivalente a, no mínimo, 13 anos.

**Inesquecível** — "A era Collor foi a pior fase da indústria nos últimos 25 anos", diz Nélson Worstman, vice-presidente da Sharp. É fácil entender o porquê. A ociosidade do setor eletroeletrônico, hoje, é de 60%. A produção de televisores caiu de 2,2 milhões em 1990 para 2 milhões este ano, de acordo com estimativas dos fabricantes.

Por tudo isso, na Zona Franca de Manaus, onde as indústrias do setor estão concentradas, o emprego teve redução brutal: de 70 mil no ano em que Collor caiu para menos de 25 mil hoje. As consultas ao SPC funcionam como um termômetro. Marcel Solimeo, diretor do Departamento de Economia da Associação Comercial de São Paulo, conta que de janeiro a setembro deste ano as consultas ao SPC foram 27,6% do total de igual período do ano passado. "Não houve recessão com essa duração e intensidade", diz ele.